

Migrações Ceará-Piauí (1940-1970): elucidando algumas razões para migrar à luz de narrativas orais

Lia Monnielli Feitosa Costa¹

Resumo: Este artigo constitui parte de um estudo sobre movimentos migratórios do Ceará para o Piauí, no período de 1940-1970, tendo como veículo de ideias e aportes teóricos o testemunho oral de trabalhadores camponeses. Os motivos dos trabalhadores cearenses se deslocarem para o Piauí podem ser elencados em três razões, como fluxos migratórios, que se iniciam na década de 1930 e, conforme os projetos de vida são reformulados, outros deslocamentos ocorrem. Os motivos são precedidos de uma análise sobre o contexto econômico e social vivenciado no Ceará naquele período. Para além das fontes orais que guiam este trabalho, foram utilizados jornais cearenses e piauienses, considerando a metodologia respectiva para esta fonte escrita.

Palavras-chave: Trabalho. Migração. Testemunho. Oral. Espacialidades.

Abstract: This article is part of a study on migratory movements from Ceará to Piauí, in the period of 1940-1970, having as a vehicle of ideas and theoretical contributions the oral testimony of peasant workers. The reasons for Ceará workers to move to Piauí can be listed in three reasons, such as migratory flows, which begin in the 1930s and, as life projects are reformulated, other displacements occur. The reasons are preceded by an analysis of the economic and social context experienced in Ceará at that time. In addition to the oral sources that guide this work, Ceará and Piauiense newspapers were used, considering the respective methodology for this written source.

Keywords: Work. Migration. A testimony. Oral. Spatialities.

Ceará-Piauí Migrations (1940-1970): elucidating some reasons to migrate in light of oral narratives

¹ Possui graduação pela Universidade Estadual do Piauí (2011) e Especialização em História Cultura e Sociedade, também pela Universidade Estadual do Piauí. Atualmente é Mestre em História Social pela Universidade Federal do Ceará. Professora efetiva da SEDUC-PI. Tem experiência na área de História, com ênfase em História Regional do Brasil. Trabalha com a temática de História da Alimentação, História Agrária e História Social do Campesinato. Email: monnielli23@gmail.com

1. Terra, trabalho e migração: processo migratório de cearenses para o Piauí

A década de 30 selou o destino de muitos cearenses e suas sobrevivências em meio ao flagelo da seca. Prenunciada em 1931, ela se confirma em 1932 após a ansiosa espera pelas chuvas que viriam no dia 19 de março, dia de São José. Legitima-se o longo período de estiagem e centenas de migrantes se deslocam para as estações ferroviárias rumo não só à Fortaleza, mas a diversos outros cantos do país, que em suma seriam destinos possíveis onde se pudesse melhorar de vida. Assim, figuraram-se, por exemplo, os seringais do Amazonas e o “Eldorado Maranhense”, na região do Médio Mearim naquele Estado, para onde pessoas migraram com ideias e desejos de um futuro promissor.

Em decorrência da seca no Ceará, pelas estradas de ferro de Baturité e de Sobral saíam trens apinhados, recolhendo gente e mais gente, dos municípios que atravessavam e de outros mais distantes. Mesmo com a suspensão de passagens em algumas cidades em fins de 1932, os trens ainda partiam lotados de flagelados.

Enquanto isso, Campos de Concentração procuravam manter as famílias no Sertão, evitando a migração para Fortaleza via trilhos, que eram antes de tudo o símbolo de progresso da “Capital da Luz” causando curiosa confusão, pois:

Criava-se, então, um paradoxal desejo sobre a construção e o alongamento das Estradas de Ferro: o interesse da burguesia industrial e comercial era consolidar cada vez mais o capitalismo em Fortaleza; no entanto a estrada de ferro trazia, também, a miséria que se queria longe da capital. (RIOS, 2006 p.15)

Dessa forma, os Campos eram uma maneira de lidar com esse curioso antagonismo como uma válvula de escape. O controle de corpos através do racionamento de alimentos e da higienização contrastava com a vida dessas pessoas que sobreviviam nestes espaços, sem conseguirem nem o básico, nem o necessário para pagar a renda ao patrão. O cenário que acontecia em 1930 já ocorrera em 1877 e se repetia há vários anos. De acordo com Neves, a partir deste período, os deslocamentos mudam de rumo, em lugar da procura por locais úmidos ou currais abandonados, a migração acontecia no sentido campo-cidade.

Assim ao primeiro sinal de seca, as estradas em direção à Fortaleza se enchem de famílias inteiras de agricultores cujas terras- na maioria dos casos, lembre-se arrendadas em parceria- se tornaram imprestáveis para a agricultura de subsistência. (NEVES, 2000. p.53)

A seca delineia algo mais do que apenas os contornos desnudos das serras sem pastos; há revelações das estruturas de trabalho agrárias, relações de negociação entre proprietários de terras e lavradores que se deterioram frente à impossibilidade de produção e, portanto, o não pagamento da renda. A “tradição de apadrinhamento” para com os pobres subjugava os estereótipos de “ladrões e saqueadores”, que porventura os flagelados da seca seriam, caso não fossem devidamente “atendidos” pelos mais ricos; posto que a culpa fosse dedicada aos fenômenos climáticos, ao céu, aos santos, e mesmo com a ação tectônica dos Andes².

O plantio de roçado depende da relação tecida entre agricultor e proprietário de terra; fora dela é como se as fragilidades adquirissem corpo. Neves(2000) ressalta que a Revolução de 30 não quebra esse modelo paternalista, apesar do desalojamento de oligarquias tradicionais em lugar de políticos revolucionários comungados com os ideais da Aliança Liberal. Há uma continuidade deste sistema, por um lado, por parte dos proprietários de terras, agentes da chamada “cultura do apadrinhamento”. Prática esta que, para Rios (2006) possui uma rede de desdobramentos, oscilantes entre táticas de sobrevivência das mais variadas. Por outro lado, tem-se o próprio Estado, numa outra instância, que age intervindo na política econômica e no mercado de trabalho, deixando de lado, por ora, o liberalismo em prol da manutenção de relações de trabalho que perpetuem a dependência e a submissão.

Os jornais não tardam a noticiar que a aclamada “revolução” nas bases institucionais não passava de mera falácia. Em notícia de Outubro de 1936, do Jornal piauiense “A Gazeta”, intitulada “A lavoura atirada ao esquecimento” lia-se: “Vemos assim, com grande pesar, que a revolução de 30 não livrou o brasileiro de um velho vício: a politicalha”. E acrescenta, “tudo continua a girar em torno dos nomes que irão ou não irão para o Palácio do Catete”³. Os nomes nas cadeiras mudaram, cumprindo o objetivo de quebrar o poder das velhas oligarquias, mas as estratégias continuam as mesmas. Esse “caudilhismo” que condenou o “progresso na América” teria também provocado a crise de mão de obra para as “lavouras nacionais”, por conseguinte, *lavouras monocultoras*, para as quais faltavam braços. A

² Na edição 6 da Revista do Instituto do Ceará, Álvaro Fernandes em seu texto *Etiologia physiographica das Secas- Summa meteórica*, aponta como uma das possíveis causas para a seca de 1932 “as chaminés vulcânicas da Cordilheira dos Andes” que teriam desempenhado seu papel de “aspiradores hidrostáticos”, tudo de acordo com as leis da “Physica Geral”. Dados técnicos e geográficos seguem para explicar que após o equinócio de Março, “é que está declarada a secca (sic), sem esperança e sem apelo”, algo a que o sertanejo já está ciente e aprende desde pequeno, demarcando a data das possíveis e tão esperadas chuvas desde o dia de São José (19 de março).

³ “A lavoura atirada ao esquecimento”. In: Jornal “A Gazeta”, Teresina, 10 de outubro de 1936, nº1.156, local de guarda Arquivo Público Casa Anísio Brito.

chamada era também uma crítica à tentativa do governo de diversificar a industrialização do país alternando o estereótipo de “país agrário”.

O projeto político agrário brasileiro calcado numa ideia de desenvolvimento é endossado nesse período, colocando como argumento antagônico a ideia de “atraso” que prevalecia no campo, o que empacava tão esperada modernização com suas relações de trabalho rudimentares, o clientelismo. Seriam estes entraves convencedores de que o Estado era o único capaz de tomar as rédeas de conduzir este processo de modo gradual e tangível nas lavouras do país, englobando a mão de obra que se adequasse aos seus parâmetros, e acuando cada vez mais trabalhadores e famílias que não conseguissem adequar seus projetos de vida às novas leis do mercado. Portanto, tratou-se de um período de projetos de nação que estavam em disputa.

A visão predominante sobre esses pobres mesclava a ideia de oprimido com potencialmente perigoso diante das amarguras da seca, justificando episódios tristes, conforme o registrado no periódico cearense “O Jornal” em 5 de fevereiro de 1933, acerca de um crime ocorrido em 6 de janeiro daquele mesmo ano, na cidade de São Benedito:

BÁRBARA CENA DE SANGUE EM S. BENEDITO- Dois policiais fuzilam perversamente a um pobre agricultor- S. BENEDITO- a populosa cidade Ibiapaba, presenciou no dia 6 de janeiro passado, monstruosa cena de sangue, perpetrada por dois milicianos, por dois mantenedores da ordem, por dois homens que fazem parte de uma instituição criada e mantida (sic) para garantir a lei, para assegurar as liberdades públicas. Na manhã daquele dia, no movimentado pátio do mercado público, dois policiais, fuzilam perversa e friamente ao trabalhador rural de nome Seu Manoel Matias Filho. (O Jornal”, Ceará-Sobral, 05 de fevereiro de 1933)

Segundo consta, o motivo do crime teria sido uma pequena faca de viagem, instrumento indispensável para qualquer trabalhador rural, mas que foi visto como ameaçador pelo soldado que tentou prontamente desarmá-lo; resistindo, o trabalhador acabou alvejado com vários tiros na cabeça. O episódio causou muita revolta na população provocando ameaças de linchamento que foram sufocadas diante da pontaria de fuzis. O jornal enfatiza que os autores do crime, aqueles que estariam encarregados de proteger a população, atentavam contra a vida dos mais desfavorecidos. Uma confusão que finda com morte, descontentamento e muita raiva refletindo o clima de tensão envolvendo poder público e os mais pobres.

Esta reação estava impregnada pela maneira como o Governo enxergava os famélicos. Gravitava entre o desdém – posto que se acreditasse que as reivindicações destes seriam

atendidas sumariamente pela capacidade do mercado de se reequilibrar – e o temor, referente às possíveis revoltas populares (NEVES, 2000). As manifestações das massas poriam em xeque os laços de dependência e submissão do homem ao campo, fragilizando toda uma subalternidade estruturada à qual a Revolução de 1930 não pretendia acabar. A morte do trabalhador rural Manoel Matias evidenciou este clima de instabilidade que envolvia autoridades e camponeses. Dessa forma:

Os governantes do regime autoritário pós-30 não pensavam diferente. Entre eles também predominava a “visão espasmódica”; mas, ao contrário do que acontecia antes, não hesitavam no momento de intervir na ordem econômica, pois o desequilíbrio social significava, para eles, ameaça à ordem política, ao regime, à segurança nacional (Idem. *Ibidem*,2000 p.141.)

Era preciso garantir que as relações sociais que subordinassem o homem do campo fossem mantidas. Uma das maneiras eram as relações de compadrio. Em uma relação onde há uma “conformidade de classes”, há em certo sentido

uma aceitação da existência de ricos e pobres, fortes e fracos, na medida em que o potentado é visto como aquele que tem a obrigação de proteger o despossuído. É cultivada a ideia de que Deus fez o rico para proteger o pobre. Em troca, o pobre deve obediência ao rico (RIOS, 2006. p.31)

Nesta “cultura tradicional”, o apadrinhamento revela sinais de tensão quando esta “função” não é cumprida da parte dos “padrinhos”, que podem ser vistos não só como os proprietários de terras, mas também o próprio poder público. A rebeldia que caracteriza roubos e saques não nega os costumes, “ao contrário, a tradição é evocada com veemência para, em certo sentido, legitimar tal ação. Nesse caso a relação de apadrinhamento é colocada em questão e cobrada pelos pobres” (RIOS, 2006. p.31)

Junto às relações de apadrinhamento entre patrões e camponeses e suas respectivas tensões, havia o próprio dualismo entre o novo e o arcaico no Nordeste, que determinou o rumo das interpretações acerca dos estudos rurais nesta região, evidenciando este campesinato familiar espalhado nos “brasis”. Nesse sentido, de acordo com Delma Pessanha Neves (2009 p.304)

Qualquer interpretação assim comprometida pressupunha de imediato a transformação modernizante dos produtores familiares, comumente anunciada ou legitimada pela valoração e formas de integração definidas como inovadoras: alfabetização, higienismo, produtivismo, desenvolvimentismo, associativismo, comunitarismo, coletivismo etc.

Na contrapartida da ideia de moderno descrita acima, a produção de base familiar é caracterizada por termos como subsistência, minifúndio, clientelismo, próprios de uma relação não capitalista que se reproduziu nas fazendas endossando o paternalismo oligárquico, na rede de troca de favores e benefícios pessoais, baluartes em um momento de ruptura institucional. O liberalismo característico do Estado era um divisor de águas das ações direcionadas para os flagelados das secas; havia a crença de autorregulação do mercado de alimentos, mas também havia o interesse em manter as rotinas de emergência em períodos de extrema escassez a fim de evitar os “espasmos”, “a reação instintiva à fome”, uma interpretação que perdura no Estado inclusive após a instauração do Estado Novo. (Idem. Ibidem, p.140.)

O medo das reações instintivas traz à tona não apenas reflexões sobre a inércia de alguns sertanejos em detrimento dos que reagem de modo mais explícito, mas também algumas considerações sobre as justificativas climáticas e sua ligação com essas relações de força guarnecidas por proprietários de terra e pelo governo.

Particularmente, a pretensa inércia é assim expressa comparando-se a manifestações sociais coletivas. Isto prova que “não podemos aceitar apenas o que a estrutura de dominação delimitada como resistência” (SCOTT, 2013. p.29). Quando a situação se inscreve em um contexto complexo de práticas não reflexivas, no sentido de não necessariamente ligadas a maiores atos de rebeldia, “verifica-se o limite das relações existentes, ver com que se pode sair à margem e incluir essa margem como parte do território aceito” (Idem. Ibidem, p.21), ou seja, dentro do campo de possibilidades de ações, há “adequação” das resistências possíveis frente ao poder dominante coercitivo.

Estas resistências possíveis configuram-se em gestos e atos como roubos, saques, fofocas, e práticas de submissão visando outros ganhos. Alguns grupos subordinados como estes de que estamos à espreita não exploram de seus laços de solidariedade a tentativa de manifestações coletivas contra dominantes, como rebeliões e motins.

Amotinar-se não está no raio de ação de alguns indivíduos; para Thompson é uma forma sofisticada de comportamento coletivo, que põe em risco apadrinhamentos. Entendendo estes trabalhadores como agentes históricos, suas ações fazem parte de um conjunto de reciprocidades que encontram respaldo nos costumes e compõem o modo de viver de homens e mulheres. Nessa esteira de pensamento, Antônio Candido, em *Os Parceiros do Rio Bonito*, utiliza a expressão “*sociologia dos meios de subsistência*” para pensar a organização social à qual o grupo deve submeter-se para lidar com a fome. Na relação do grupo com o meio, a

alimentação é um fator de solidariedade profunda, “na medida em que consiste numa incorporação ao homem de elementos extraídos da Natureza, é o seu primeiro e mais constante mediador, lógica e por certo historicamente anterior à técnica” (CANDIDO, 1977. p.28). Estas formas de solidariedade primordiais confronta-se com esta modernização, que modifica suas estruturas profundamente, em processos de rupturas reveladores de características singulares desta economia moral, aproximando-nos do conceito elaborado por Thompson para refletir a maneira como a multidão evocava a reinterpretação de um passado de tradições para confrontar as obrigações impostas pelas elites dominantes, na Inglaterra do século XVIII.

2. Motivos para a partida: o enredar familiar nas travessias

Nesse sentido, pensando no conjunto de práticas e costumes vivenciados por estes trabalhadores rurais, entendemos que se tornou muito difícil continuar vivendo nos municípios cearenses, pois para além do fator climático, a seca condiciona os sujeitos a situações de subalternidade cada vez mais severas. No contraponto da ideia de que há carestia de alimentos porque não tem “disponibilidade para todos” ou que os camponeses não plantam porque “tem preguiça” está o próprio consumo e produção de alimentos, que desconsidera as capilaridades dos sistemas de poder, propriedade e direito.

A escassez, portanto, não seria um fato natural, mesmo se relacionada a um fenômeno climático, mas resultado de uma dada forma de relações sociais que perpetuam as desigualdades e baseiam-se na produção de conflitos generalizados de interesses (NEVES, Op. Cit.p.154)

A história desses camponeses se inicia com as suas memórias de infância. Em suas relações com a espacialidade constroem ideias imagens de um tempo de agruras e fome; mesmo as memórias que foram contadas para as gerações que nasceram já em território piauiense, não se descolam das sensações táteis do sofrimento. As narrativas de Seu Damião e Seu Cosme demonstram isso, assim chamados por serem gêmeos, não por terem nascido no dia dos santos médicos. O sertão cearense para eles é exatamente isso; uma memória truncada de tempos difíceis. Notamos que nas entrevistas, todas as vezes em que pedíamos para Seu Damião contar como era a vida no Ceará ele chorava; quando lembrava de situações difíceis já vivendo no Piauí, tornava a chorar novamente. Um comportamento emotivo em consequência da idade? Talvez, não. No caso de Seu Damião, percebemos que o exercício da memória anda comprometido. Ele não conta com frequência estas passagens da família, por

lhe faltarem bons ouvintes, ou por serem lembranças muito difíceis de acionar, porque dolorosas.

Seu Damião construiu a memória da seca enfrentada no município de Nova Russas através de sensações, texturas: “Não, não dava de ficar não que a seca foi feroz. As palhas de milho dava pra enrolar cigarro”. O ano de 1942 foi um ano marcado por mais uma grande seca cearense e com isso retirantes migraram para diversos destinos. Nas terras herdadas por seu pai estava difícil manter a sobrevivência. A fala dele demonstra que a decisão de migrar não é peremptória; antes disso, as possibilidades de se manter no lugar de origem se esgotam, a longa espera pelo inverno que não chega: “De três em três dias, de quatro em quatro dias matando um animal, tá é longe de passar o verão lá. Aí o papai arribou para cá”.

A matança dos animais nesses intervalos curtos e durante a travessia emocionaram Seu Damião, uma vez que a criação de gado tem um significado dentro da cultura rural; o agricultor com o fruto de seu trabalho e negociações conquistou algumas cabeças. Criar bodes, ovelhas, cabras, vacas, gado cavalariço e galináceos é uma pequena melhoria de vida que as estiagens vão aos poucos engolindo; um rebanho razoável poderia se acabar em questão de dias.

Seu Cosme narrou de forma semelhante como era a vida no Ceará. Desde muito cedo as crianças já trabalhavam em roçados, pescavam, ou praticavam alguma atividade extrativista:

Apanhando algodão nos pés de serra do Ceará. Era tão pequeno que quando chegava pra puxar um pé de algodão maior que não podia puxar, vinha uma pessoa grande derrubava e a gente apanhava o algodão até acabar aquele, aí vinha tombar outro, procurar outro pra gente ficar... Que de um é de algodão só dava pra gente trabalhar de manhã pra meio dia⁴.

A coleta de algodão ao pé da serra foi uma lembrança recorrente em sua fala. Logo em seguida ele mistura as temporalidades em uma operação muito comum aos narradores. As reminiscências do passado são construídas a partir de um presente que não se descola das intenções que se deseja evidenciar. A postura assumida por Seu Cosme e Seu Damião é consoante com a dos demais narradores, a de um contador de história reflexivo. Ao mesmo tempo em que narra trabalha sua própria história de vida como historiador, pois vinculada a esta existem as sensações da experiência. “A imagem é a matéria substantiva do narrador reflexivo” (HARRITS; SHARNBERG. 2000, p.30).

⁴ COSME Feitosa da Silva. Entrevista concedida a Lia Monnielli Feitosa Costa em 18.01.2018 na cidade de Teresina-PI.

Ao responder o porquê de terem vindo para o Piauí ele apenas responde: “viemos em 42 por necessidade, aí hoje me considero um homem bem forte, sadio, graças a Deus, com esse tanto de idade e me sinto bem e tenho muito a agradecer a Deus por ter essa idade”. Para Cosme, apesar do sofrimento vivenciado em Nova Russas, a sua saúde é a prova de que “venceu”. Aqui evidenciamos o caráter performático da entrevista. Seu Cosme se mostra mais agitado e mais “urgente” em chegar à temporalidade onde ele não passou mais necessidades. Dos dois irmãos ele foi o que sempre veio “na frente” após migrar do Ceará. Suas expectativas de vir para o Piauí se projetam ao longo da entrevista; um melhor lugar pra viver e trabalhar.

A seca de 1942 expulsou camponeses de seus lugares, mesmo aqueles que não pagavam renda e tinham terras partilhadas com outros irmãos, herdadas do avô. Mas conforme explicitado anteriormente, o desapego à origem é um processo doloroso e em certos casos a família se divide, e os membros exploram os vários destinos: ficar no Ceará, migrar para o Piauí, ir para o Sul, ou para o Maranhão atraídos pela disponibilidade de terras. Dona Ana tem 67 anos de idade e nasceu já no Piauí. Para chegar até ela localizamos seus dois irmãos, moradores do bairro Satélite e comerciantes. Em ambos os casos os irmãos destacaram Dona Ana para recontar esse passado vivido. Apesar da possibilidade das memórias terem sido compartilhadas com todos os filhos através de histórias contadas por pais, tios e outros parentes, Dona Ana é apontada como a “guardiã de memórias” dentro do grupo familiar. Este é o poder que os velhos têm de tornar presente as coisas que se ausentaram no discurso(BOSI,1994). Ela nos contou que os tios saíram do interior do município de Mucambo em 1942, porque “na época eles que ele venderam a terra, vieram comprar terra aqui, casaram aqui, criaram família aqui, morreram aqui”. O pai de Dona Ana ficou até 1951, “porque ele casou, gostava, foi criado lá... porque o cearense morre mas nunca esqueceu o Ceará... sabia, ele não voltava mas não esqueceu o Ceará, tu acredita, ele nunca esqueceu o Ceará”⁵.

Nesta fala de Dona Ana destacamos alguns pontos importantes. Primeiro como vai se montando a rede familiar de relações que continuam mantêm a conexão aberta entre todos os membros; este primeiro grupo que se deslocou para o Piauí se instalou, ampliou suas redes de relações e através dessa via aberta de comunicação fomentou a expectativa em torno do possível deslocamento dos membros que ficaram. Em suma, o peso da decisão de migrar é

⁵ ANA Gomes de Azevedo Lima. Entrevista concedida à Lia Monnielli Feitosa Costa em 25.01.2018 na cidade de Teresina-PI.

partilhado entre todos, os que ficam e os que vão, porque aí estão entremeados todos os futuros.

A maneira como Dona Ana evoca este passado com “orgulho do pai cearense” remete à preservação da cultura tradicional na família, que não se esgarça com os deslocamentos. Por ser o último a vir, o pai dela estabeleceu essa ideia de origem que não deve ser olvidada e perpassou para a geração seguinte. Dona Ana não descola as lembranças do pai da sua trajetória pessoal; ela também significa os vestígios dessa cultura.

A espacialidade para os narradores também é um ponto importante da história. Nem todos se recordam exatamente de qual localidade vieram dentro dos municípios cearenses, mas todas perpassam pela categoria de “interior”. Assim é explicada esta categoria de espaço por Dona Cristina: “É... um interior do Ceará, num tem? Um interiorzinho, viu? Porque tem a cidade e tem os interior da pessoa morar”⁶. Ela não se lembrou exatamente de qual localidade partiu em Sobral, por volta de 1955, mas conseguiu delimitá-la neste termo. A construção da entrevista de maneira mútua permite entender aos poucos significados próprios da cultura rural.

Buscando entender melhor como se desenham estas espacialidades rurais para os nossos narradores, entendemos que as fronteiras políticas nem sempre coincidem com as fronteiras imaginárias, já que cidades, interiores, povoados, vão mudando de nome, metamorfoseando-se em outros lugares; “é uma categoria que se situa na metade do caminho entre ficção e realidade”. (LEONARDI 1996, p.310.)

Querelas familiares também punham em xeque continuar vivendo em solo cearense. Conforme percebemos, a família de alguns narradores morava e trabalhava em terras próprias, frutos de heranças repartidas. Possivelmente, essa fragmentação de terras fragilizava o grupo familiar ocasionando os deslocamentos. O processo de partilha gerava conflitos e indefinições próprias da medição. Situações como essa ocorreram com Seu Manoel em sua adolescência na cidade de São Benedito, onde nasceu. Por meio deste relato, percebemos que viver de roça e pagando renda em período de própria unidade doméstica, composta de pai, mãe e filhos, poderia originar conflitos donde importantes decisões eram tomadas:

O papai fez uma roça lá, aí nós fizemos a roça aí não deu legume né? Deu uma praga de milho numa espiguinha pequeninha, aí o papai chamou o homem pensando que ele ia dar o milho pra ele, pra dar pras galinhas, aí homem pegou uma espiga pra uma, pra uma, uma pra outra, uma pra outra,

⁶ CRISTINA, 2017.

fez como a música do Luiz Gonzaga⁷, até que ficou num jacá ai eu... já tava sabidim né? Eu fiquei invocado e vou embora, vou roubar minha idade e vou-me embora pro Rio de Janeiro⁸.

Na lida do campo, os camponeses deveriam enfrentar como desafio ainda um inimigo feroz e invisível; a própria genética das plantas, mais um infortúnio da natureza. Esse é o caso do milho, que Josué de Castro (2011) elenca como componente fundamental da dieta do sertanejo, alimento de baixo teor proteico, portanto incompleto, mas que se constitui como base calórica da dieta sertaneja devido à sua junção com outros alimentos, compensando a deficiência de nutrientes, em pratos típicos da nossa culinária, como angu, canjica e cuscuz.

A desinformação e a crença de que a seleção de semente de uma boa safra coletada anteriormente geraria a repetição de uma boa colheita provocava o efeito contrário, pois, resultava em uma má safra, praticamente improdutivo; haja vista que seja fato biologicamente comprovado o de que a segunda geração do milho é defeituosa. Mais uma vez o sucesso nas lavouras esbarra na precariedade das técnicas empregadas. Embora em contratos de parceria fosse comum o proprietário de terra fornecer as sementes para o plantio, em arrendamentos já não funcionava dessa forma, e para o caso do jovem Seu Manoel e sua família, que viviam nas condições de agregados, a má sorte poderia vir dos dois.

Ainda assim, o acerto da renda deveria ser entregue ao proprietário. O pai considerou que o “homem” iria entender as razões da má produção, mas isso não ocorreu. A divisão do pouco que a família produziu depois de tanto esforço foi o estopim para a revolta do jovem Seu Manoel. Já com idade suficiente para entender as relações de dependência entre proprietários e agregados, já “sabidim”, vê a ida para o Rio de Janeiro como única forma de se livrar de toda aquela situação, onde a única parte que lhe coube foram “espigas desdentadas”. Cidade grande que se avolumava como um veio aberto de oportunidades, trabalhos novos poderiam surgir e o risco valia a pena. Ele estava disposto a “roubar a idade”, conseguir um documento de maioridade a qualquer custo.

O plano teria dado certo, não fosse a esperteza ingênua de Seu Manoel em conseguir o importante documento por alguém tão próximo da única pessoa que não deveria saber:

⁷ A referência à música a Triste Partida, com letra composta por Patativa do Assaré e cantada por Luís Gonzaga, evoca as cenas de tristeza próprias das situações difíceis agravadas com a seca, no caso, a má colheita do milho resultou na parca divisão, onde se subtraindo a parte do proprietário, ainda teve que ser dividida entre todos da unidade familiar.

⁸ FRANCISCO Manoel de Assis. Entrevista concedida a Lia Monnielli Feitosa Costa em 04.03.2017 na cidade de Teresina-PI.

Vou pedir aí fui logo... Abestado, não sabia de nada, pedi logo um tio meu pra tirar meus documentos, como maior de idade com 18 anos. Aí foi, ele contou pro papai aí o papai se invocou ficou assim imaginando. Aí eu já tinha dito a ele: “papai, vamos caçar um lugar pra nós morar porque aqui não dá não”(MANOEL, 2017)

Depois da tentativa malograda de fuga para o Rio de Janeiro, o pai se viu na iminência de importantes decisões que selariam o destino de toda a família. Ficar já estava bastante difícil, permanecer com toda a parentela unida, a mulher e cinco filhos, todos já debilitados em virtude da necessidade de alimentar muitas bocas e a produção parca, tão dependente do êxito das chuvas, da nutrição dos solos, da boa vontade dos patrões. Um novo projeto de vida deveria ser feito. O fantasma da fome rondava a família de Seu Manoel:

Tem um terreno de meu avô aí, mas não servia é ruim de trabalhar, nós não tem condição de nada, acabemos tudo em 1952. Em 1951 nós acabemos tudo que tinha: animal, gado, tudo, tudo, tudo, ficou tudo sem nada, o objeto que ficou foi uma cabra, assim mesmo o papai adoeceu eu matei pra ele comer e vendi o couro pra comprar de remédio pra ele. Aí, o papai se invocou e pediu um dinheirinho velho que eu tinha escondido, ele disse: “Tu tá escondido”. Eu era o mais velho, quem trabalhava pra dar de comer pra eles, os mais novos que o papai vivia muito adoentado aí eu era quem trabalhava.(MANOEL.2017)

Do pouco que tinha juntado, o filho ainda teve que entregar para suportar os apertos. Os primeiros de que se livraram foram os animais. Nessas condições, mantiveram-se até migrarem em 1954, para além da seca, em busca de uma vida melhor.

Nesta fala, percebemos uma marca importante da narrativa. É exatamente a demarcação do momento em que se insere outro diálogo lembrado da memória. Em outros momentos, o rememorar de diálogos inteiros, às vezes, acontece sem demarcações, na velocidade que as lembranças vão escoando na entrevista, ao sabor das provocações do entrevistador.

No caso de Seu Manoel, a baixa produção se torna mais parca ainda com a obrigatoriedade do pagamento em renda, legitimando a perspectiva de migração para a família diante da impossibilidade de sobrevivência naquela localidade.

3. Considerações finais

Um elemento comum entre estas narrativas é o membro que na família sugere a saída, num discurso de convencimento para migrar. Em determinadas ocasiões, as gerações

seguintes vão se “arranjando” construindo matrimônio e tendo filhos, saindo de casa, primeiro e indo morarem em outros lugares. O esvaziamento da casa é prejudicial para a família campesina. Quando filhos migram, sejam solteiros ou casados, indo trabalhar em grandes cidades e integrando parte da economia doméstica, há uma grande perda no rendimento da terra, para trabalhadores rurais que vivem de contratos verbais, sejam parceiros, meeiros ou agregados. Menos mão de obra, as obtenções dos meios de vida tornam-se seriamente comprometidas, não apenas nas roças, mas em outras atividades básicas de uma economia familiar, mesmo quando no extrativismo. Alguns sofriam mais com a solidão e em breve fome; o mau trabalhador, a viúva, o doente, o inepto. Cândido, em sua análise do município de Bofete, pôde constatar a presença da fome por vários motivos, em sistemas de trabalho semelhantes ao caso estudado.

É o caso, por exemplo, do parceiro ou sitiante que foi obrigado a gastar mais semente do que esperava, e alimenta a família apenas de arroz, ou apenas de feijão, até que venha a colheita. É o caso, ainda, do parceiro que chegou atrasado para o início do ano agrícola e obtém colheita insuficiente. É o caso, também, do lavrador que tem muitos filhos pequenos e conta com pouco auxílio da mulher na lavoura, conseguindo dificilmente o necessário para rações mínimas e afinal insatisfatórias. (CÂNDIDO,1977. p.157)

Em *O Quinze*, encontramos o personagem Vicente partilhando da angústia de ter de migrar e deixar os pais sozinhos:

Mas logo lhe veio a lembrança dos pais, tão velhinhos, que tudo esperavam dele; evocou o que seria o desamparo da fazenda, vazia de seu esforço; o gado abandoando, tudo paralisado e morto; e pensou no seu isolamento na terra longínqua, no vácuo doloroso de afeições em que se iria debater o seu coração exilado. (QUEIROZ, 2016. p. 54)

Dessa forma, concluímos que em estudos sobre movimentos migratórios embasados em testemunhos orais é importante entrever e elencar os motivos que levaram aos deslocamentos, para entender os projetos de vida que essas homens e mulheres construíram na nova espacialidade.

Referências

Fontes

Jornais:

- “**A GAZETA**”, (1937-1942)Local de Guarda: Disponível digitalizado em : <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>
- **O JORNAL** (1932-1935). Disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.
- **Revista do Instituto do Ceará**, ano 1797, nº 6. Disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Fontes orais:

- ANA Gomes de Azevedo Lima, Entrevista concedida à Lia Monnielli Feitosa Costa em 25.01.2018, na cidade de Teresina-PI.
- CRISTINA Frota, Entrevista concedida à Lia Monnielli Feitosa Costa em 22.01.2017, na cidade de Miguel Alves-PI.
- CRISTINA Frota, concedida à Lia Monnielli Feitosa Costa em 10.12.2018, na cidade de Miguel Alves-PI.
- DAMIÃO Feitosa da Silva, Entrevista concedida à Lia Monnielli Feitosa Costa em 06.09.2015, na cidade de Teresina,PI.
- DAMIÃO Feitosa da Silva, Entrevista concedida à Lia Monnielli Feitosa Costa em 14.08.2016, na cidade de Teresina,PI.
- DAMIÃO Feitosa da Silva, Entrevista concedida à Lia Monnielli Feitosa Costa em 28.12.2017, na cidade de Teresina,PI.
- FRANCISCO Manoel de Assis. Entrevista concedida à Lia Monnielli Feitosa Costa em 04.03.2017, na cidade de Teresina-PI.
- FRANCISCO Manoel de Assis. Entrevista concedida à Lia Monnielli Feitosa Costa em 13.01.2018, na cidade de Teresina-PI.

Bibliográficas:

- AB’SÁBER, Aziz Nacib. **Dossiê nordeste Seco**. Estudos Avançados, 13(36), 1999.
- ALBERTI, Verena. **Ouvir contar** – textos em história oral. Rio de Janeiro: FGV,2004.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3a ed. São Paulo, Companhia das Letras,1994.
- CÂNDIDO, Antônio. **Os Parceiros do Rio Bonito**- Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 4ª edição. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977.
- CASTRO, Hebe Maria Mattos. **Ao sul da História**-lavradores pobres na crise do trabalho escravo. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CASTRO, Josué de. **Geografia da Fome** – o dilema brasileiro: pão ou aço. 11ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- HARRITS, Kirsten Folke e SHARNBERG, Dittte. Encontro com o contador de História: um processo de aprendizado mútuo In: **História Oral**, São Paulo: ABHO, Nº 3, Junho de 2000, p. 25 a 34.
- LEONARDI, Victor. **Entre Árvores e Esquecimentos: História Social nos sertões do Brasil**. Brasília: Paralelo15 Editores, 1996.
- NEVES, Delma Pessanha. Constituição e Reprodução do Campesinato no Brasil: legado dos cientistas sociais. In: _____ (org). **Processos de Constituição e Reprodução do Campesinato no Brasil**. Vol II- Formas dirigidas de constituição do campesinato. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009, p. 304.

NEVES, Frederico de Castro. **A multidão e a história**: saques e outras ações de massas no Ceará. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000.

QUEIROZ, Raquel de. **O Quinze**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1971. de Plínio Augusto Coelho.-São Paulo(SP): Intermezzo, 2015.

RIOS, Kênia Sousa. **Campos de Concentração no Ceará**: isolamento e poder na seca de 1932. Fortaleza: museu do Ceará/Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2006.

_____. **Quando novos personagens continuam entrando em cena**. O encontro com a voz do outro e com o outro da voz. Palestra de encerramento do ERHH- Nordeste.

SCOTT, James C. Formas Cotidianas da Resistência Camponesa. Tradução: Marilda A. de Menezes e Lemuel Guerra. **Revista Raízes**, Campina Grande, vol. 21, nº 01, p. 10-31, jan./jun. 2002.

_____. **A dominação e a arte da resistência**. Discursos ocultos. Lisboa: Livraria Letra Livre; Fortaleza: Plebeu Gabinete de Leitura, 2013.

THOMPSON, E.P. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Recebido em 14 de outubro de 2019

Aprovado em 02 de dezembro de 2020